

Narrar sobre a Escrita: uma análise do caráter pessoal e metaliterário da obra de Joan Didion¹

Isadora Mendes PINHEIRO²

Nuno MANNA³

Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, MG

RESUMO

Partindo de um interesse pela obra de Joan Didion, e uma ótica curiosa para os dilemas de narrar, o presente trabalho nasceu. O intuito da pesquisa, ainda em desenvolvimento, é explorar como a jornalista americana Joan Didion, ao narrar sobre si e sua escrita, lança luz sobre os dilemas da narrativa. Serão analisados um conjunto de textos da autora previamente selecionados, juntamente de estudos sobre narrativa. O presente trabalho está diretamente ligado ao Grupo de Pesquisa em Narrativa, Cultura e Temporalidade (Narra), e ao PET Educomunicação, Conexões e Saberes, ambos da Universidade Federal de Uberlândia.

PALAVRAS-CHAVE

Joan Didion; Narrar sobre si; Narrativa; Escrita

CORPO DO TEXTO

Joan Didion foi uma escritora e jornalista norte-americana, nascida em Sacramento, California, no ano de 1934. Conhecida por seus cadernos de anotações, a própria autora conta no documentário *Joan Didion: The Center Will not Hold* (DUNNE, 2017), que ganhou seu primeiro ainda com quatro anos; sua mãe queria que ela escrevesse sobre seu dia, ao invés de fazer bagunça. Dali pra frente, seus cadernos se tornaram partes do seu cotidiano. Ingressou na faculdade, escreveu seu primeiro romance juntando páginas que colava pelas paredes, e enfim, foi contratada pela Revista Vogue, tendo um artigo sobre Autoestima na chamada da capa de uma das edições. Esse artigo foi um pontapé inicial, que logo demonstrou a postura de Joan enquanto jornalista: olharia o mundo de ângulos pouco explorados, e assim o escreveria.

¹ Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do 26º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 1º a 3 de junho de 2023.

² Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo da FACED-UFU, email: isadora.pinheiro@ufu.br

³ Orientador do trabalho, Professor do curso de Jornalismo FACED-UFU, email: nunomanna@ufu.br

Partindo da obra de Joan Didion, dos artigos e textos que dizem sobre ela, e de uma bibliografia pautada nos estudos de narrativa, de narrar sobre si, e narrar sobre a escrita, o presente trabalho se sustenta. A obra, e a perspectiva, de Joan Didion sobre a escrita chama a atenção para as reflexões acerca da narrativa; narrar sobre si, sobre narrar, ver, ouvir, e ser enquanto sujeito escritor.

Em uma projeção teórica de capítulos, foi definido que o corpo do texto irá se ancorar em três linhas: quem foi e o que foi dito sobre Joan Didion, estudos sobre a narrativa pessoal sobre si e sobre a escrita, e a maneira como Joan Didion articula esses conceitos em suas obras ao escrever sobre sua escrita e sua vida. Os textos de Joan Didion até então selecionados foram capítulos dos livros *Rastejando até Belém* (2021), *O Álbum Branco* (2021), *Sul e Oeste* (2022), e *Vou te dizer o que penso* (2023), com embasamento teórico num conjunto de obras de Bruno Souza Leal, Nuno Manna, Judith Butler, e Walter Benjamin. O trabalho se encontra em fase de desenvolvimento, e consistirá num mergulho profundo nas obras de Joan Didion, a fim de compreender como a autora articula os dilemas do narrar, ora propositalmente, ora por força inerente de sua obra.

Joan tentou o romance, mas se encontrou definitivamente no gênero dos ensaios. Alguns dos seus textos foram registros de anos, reunidos em livros, como é o caso dos sucessos de venda e crítica, “*O Álbum Branco*” e “*Rastejando até Belém*”. Seu modo de narrar marcos históricos era tão envolvente quanto suas narrativas cotidianas e, aparentemente, triviais.

Paulo Roberto Pires (2020) descreve, para a Revista 451⁴, a obra de Joan como implacável, brilhante e idiossincrática, e chega a dizer que a autora realizou um “jornalismo de gente grande”, que não bajula, nem pratica um mero exercício de crueldade. Eliane Brum, em seu blog pessoal⁵, coloca a escrita como ação restante para Joan, a mulher que restou após perder marido e filha; diz “A grandeza de seu texto está na capacidade de entrelaçar a tragédia às pequenas delicadezas do cotidiano.” (BRUM,

4

<https://www.quatrocincom.com.br/br/colunas/critica-cultural/palavras-finais#:~:text=%E2%80%9CSou%20capaz%20de%20relatar%2C%20mas%20n%C3%A3o%20de%20inventar.%E2%80%9D>

⁵ <http://elianebrum.com/reportagens/a-mulher-que-restou/>

2012). Juan Tallón (2021), em texto póstumo para o blog Jot Down⁶, a apelidou de “a escritora dos instantes comuns”.

Em “O Álbum Branco”, publicado pela primeira vez em 1979, existe um texto sobre sua entrevista com Linda Kasabian, uma das mulheres de Charles Manson, presente na noite do assassinato da atriz Sharon Tate; e, páginas depois, um texto sobre suas crises de enxaqueca. Joan falava do mundo, e de si, com clara consciência de que além de observadora, era sujeito agente das transformações que a rodeavam.

Após décadas dos mais variados trabalhos, em seu último livro publicado, *Let me Tell you What i Mean* (2021), Joan publica o ensaio *Why i write*, em tradução literal “Por que eu escrevo?”. O título foi “roubado”, de forma proposital e declarada logo nos primeiros parágrafos, de um texto de George Orwell, que teve o mesmo intuito. A menção do título na língua inglesa é importante dada a relevância e reiteração do significado que Joan dá a ele: o som de “i”, “eu” em inglês, se repete três vezes na frase, corroborando para a afirmação de Joan de que escrever é um ato egoísta e autocentrado.

Os trechos em que Didion fala sobre sua escrita demonstram que ela tem o ato como algo quase que inerente a si e seu dia a dia, e em nenhum momento se propôs a ser, o que muitas vezes foi considerada, “a voz de uma geração”. O texto, inclusive, renega vários termos comumente utilizados para falar de escritores: pensador, intelectual, acadêmico; Joan explica que não se identifica, mas também não se assusta, com esses termos porque o campo das ideias não lhe chama tanto a atenção quando o mundo tangível no qual ela pode, e busca, retratar através de palavras. “Eu tentava refletir sobre a dialética hegeliana e me pegava concentrada em uma pêra crescendo na árvore do lado de fora da minha janela e na maneira peculiar como as pétalas caíam no chão. “ (DIDION, 2023, p. 45)

A autora argumenta que tentou pensar e fabular, mas que não sentia propósito ou coerência em fazê-lo; mesmo tendo escrito três romances ao longo de sua vida, a própria autora afirma que seus leitores não a buscavam para tal.

⁶ <https://www.jotdown.es/2021/12/joan-didion-escritora-instantes-normales/>

Despretensiosamente, para se explicar, Didion diz a frase “Vou te mostrar o que quero dizer”, para dar detalhes sobre a que ela se refere ao usar o termo “imagens na minha cabeça”; uma expressão relativamente comum, mas que tem um significado particular à ela, que talvez não fosse compreendido exatamente assim. Essa atitude demonstra que a autora, com suas raízes jornalísticas, sente uma necessidade de ser clara em suas palavras; para ela, não basta dizer, mas também, mostrar e estabelecer uma relação íntima entre texto e imagem. “A imagem lhe diz como organizar as palavras, e a organização das palavras lhe diz, ou me diz, o que está acontecendo na imagem” (DIDION, 2023, p.47)

A autora passa o restante do texto contando sobre suas experiências com a escrita de romances, de ficção. A veia jornalística é perceptível mesmo na escrita de narrativas românticas; Joan compunha um conjunto de imagens, criava seus personagens sobre elas, e as “arrumava” numa narrativa fabular. Mesmo sem se considerar uma “criadora”, Joan Didion se arriscou no campo imaginário, e ao imaginar questionamentos sobre seus motivos e métodos, ela diz:

“Esse “eu” era alguém que não apenas sabia por que Charlotte ia ao aeroporto como conhecia alguém chamado Victor. Quem era Victor? Quem era esse narrador? Por que esse narrador estava me contando essa história? Vou contar a vocês uma coisa a respeito de por que escritores escrevem: se eu soubesse a resposta para alguma dessas perguntas, eu nunca teria precisado escrever um romance.”
(DIDION, 2023, p. 50)

A partir da descoberta e leitura de *Why i Write*, foi criado um interesse por observar os momentos em que Joan fala de si, de escrever, e do porquê dela escrever; tais falas são presentes em várias de suas obras, por isso, foi feito um levantamento de alguns de seus textos para análise, e alinhamento com as teorias literárias de narrar e narrar sobre si. Por narrativa, neste trabalho, entende-se mais do que uma tipificação textual. Bruno Leal (2006), citando Jean-François Lyotard, evoca os chamados saberes-narrativos, que possibilitam a integração sujeito-mundo, em toda a sua complexidade e experiência permeada por catástrofes. Mesmo sem necessariamente usar a palavra “narrar”, Joan acaba por explorar tais saberes narrativos em suas linhas e perspectivas de escrita.



REFERÊNCIAS

LEAL, Bruno. Saber das narrativas: narrar. **Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 19-27, 2006.

TALLÓN, Juan. **Joan Didion, la escritora de los instantes normales**. Jot Down Cultural Magazine. Disponível em:
<<https://www.jotdown.es/2021/12/joan-didion-escritora-instantes-normales/>>. Acesso em: 8 abr. 2023.

Livro de Joan Didion traz retrato da juventude americana dos anos 1960. Quatro Cinco Um: a revista dos livros. Disponível em:
<<https://www.quatrocincoum.com.br/br/columas/critica-cultural/sob-os-olhos-de-joan>>. Acesso em: 8 abr. 2023.

A mulher que restou. Eliane Brum. Disponível em:
<<http://elianebrum.com/reportagens/a-mulher-que-restou/>>. Acesso em: 8 abr. 2023.

DIDION, Joan. **Vou te dizer o que penso**. Harper Collins, 2023

JOAN DIDION: THE CENTER WILL NOT HOLD. Direção: Griffin Dunne. Produção de Netflix. Estados Unidos: Netflix, 2017.